

Empreendedorismo no contexto de uma economia verde: Perspetivas futuras

Eduardo Jorge Simões Ganilho
Instituto Superior de Gestão e Administração
Unidade de Investigação I2ES
Santarém, Portugal
eduardo.ganilho@unisla.pt

Resumo – O mundo vive momentos de turbulência e incerteza. É necessário encontrar um novo paradigma de desenvolvimento de forma sustentável, onde o Empreendedorismo e os empreendedores têm um papel importante nesta transformação. Este artigo tem como objetivo principal, fazer uma reflexão sobre os desafios que se colocam ao Empreendedorismo na transição para uma Economia Verde, enquanto alavancas para o Desenvolvimento Sustentável. O estudo mostra que há, em particular, dois desafios que se colocam ao Empreendedorismo, perante um cenário de transição para um modelo de desenvolvimento mais sustentável: o desafio da competitividade e o desafio do modo de produzir. A metodologia seguida no estudo assentou, essencialmente, na pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: empreendedorismo; economia verde; crescimento verde; espírito empreendedor; inovação; desafios; risco

Abstract - The world is going through times of turbulence and uncertainty. It needed to find a new paradigm of sustainable development, where the Entrepreneurship and entrepreneurs play an important role in this transformation. This article has as main objective, to reflect on the challenges facing the Entrepreneurship in the transition to a Green Economy as levers for Sustainable Development. The study shows that there are, in particular, two challenges facing the Entrepreneurship, in a transition stage for a more sustainable development model: the challenge of competitiveness and the challenge of producing mode. The methodology followed in the study was based primarily on literature.

Keywords - entrepreneurship; green economy; green growth; entrepreneurial spirit; innovation; challenges; risk

I - INTRODUÇÃO

O mundo atual vive uma crise global. A grande desilusão em relação ao paradigma económico predominante, neste novo

século, ensinou-nos que deve ser encontrado um novo paradigma económico, no qual a riqueza material não seja alcançada necessariamente, à custa de um crescente risco para o ambiente¹⁴, escassez ecológica¹⁵ e disparidades sociais.

A crescente consciencialização do impacte da ação humana sobre o ambiente [1] tem direcionado a atenção para a *Economia Verde*, conceito que se tem afirmado no debate público dos últimos anos, não apenas como umnexo economia-ambiente, mas como uma economia que resulta em níveis mais elevados de bem-estar humano e equidade social, enquanto reduz de uma forma significativa os riscos ambientais. A *Economia Verde* representa, globalmente, cerca de quatro biliões de euros, crescendo 4% ao ano¹⁶.

Num cenário desejado de transição para uma modelo de desenvolvimento mais sustentável, surgem novos desafios para o *Empreendedorismo* e para os empreendedores.

II - CULTURA E MENTALIDADE EMPREENDEDORAS

A cultura e a mentalidade empreendedoras são a essência do *Empreendedorismo*. O espírito empreendedor é multifacetado e pode manifestar-se em contextos diversos, económicos ou outros, e em todo o tipo de organizações. É acima de tudo, uma atitude mental que engloba a motivação e a capacidade de um indivíduo, isolado ou integrado numa organização, para identificar uma oportunidade e para a concretizar com o objetivo de produzir um novo valor ou um resultado económico.

¹⁴ O *risco* é um conceito abrangente e ambíguo, e está entrelaçado a outros conceitos socialmente relevantes como sejam: *incerteza*, *segurança* e *responsabilidade*.

¹⁵ O termo *ecologia* foi criado pelo biólogo alemão Ernest Haeckel em 1866. *Ecologia* é a ciência que estuda as interações entre os organismos e seu

ambiente (*Ecology* in wikipedia. Available: <https://en.wikipedia.org/wiki/Ecology>). [Acedido em 26-09-2015].

¹⁶ Na União Europeia (UE), por exemplo, os setores verdes já representavam, em 2010, 2,5 % do Produto Interno Bruto (PIB) global da UE e estima-se um crescimento anual de 30% até 2025, constituindo desta forma, os setores mais dinâmicos da região [2].

A criatividade e a inovação¹⁷ são necessárias para entrar e competir num mercado já existente, para mudar ou até criar um novo mercado (para alguns autores a inovação não é um termo técnico, mas sim um termo económico e social [3, p. 60]). Para transformar uma ideia comercial numa experiência de sucesso é necessário possuir a capacidade de combinar a criatividade¹⁸ e a inovação com uma gestão rigorosa, e de adaptar uma organização de modo a otimizar o seu desenvolvimento ao longo de todas as fases da sua existência. Isto ultrapassa a simples gestão quotidiana e prende-se com as ambições e a estratégia de uma organização¹⁹.

Os empreendedores constituem um grupo heterogéneo e provêm de todos os estratos socioculturais [6]. Porém, existem características comuns ao seu comportamento. Em estudos feitos com empreendedores sobre as características às quais atribuíam o seu sucesso, ressaltam [7, p. 6]: a perseverança; o desejo e vontade de traçar o rumo da sua vida; a competitividade; a autoestima; o forte desejo de vencer; a autoconfiança; e a flexibilidade. Outras características comuns aos empreendedores são, por exemplo [7, p. 6]: capacidade de resistência (física e emocional); orientação para objetivos; exigência; criatividade; inovação; visão; aptidão para resolução de problemas; capacidade de adaptação; e iniciativa, entre outras.

III - A NECESSIDADE DE TRANSIÇÃO PARA UM MODELO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Face à grande desilusão em relação ao paradigma económico predominante, a comunidade mundial, tenta iniciar um novo ciclo de desenvolvimento assente num modelo de crescimento sustentável, que incorpore os vetores *económico, social e ambiental*. Como principais alavancas para o crescimento e o desenvolvimento sustentável temos o *Empreendedorismo*, a *Ciência* e o *Conhecimento* [8], a *Economia verde* e o *Crescimento verde*²⁰, a *Inovação* e as diversas *Políticas públicas* devidamente articuladas²¹.

A crescente consciencialização do impacte da ação humana sobre o ambiente tem impulsionado a *Economia Verde* e o *Crescimento Verde*, conceitos em crescente afirmação no debate público dos últimos anos. Isso reflete, em grande parte, o reconhecimento que o modelo vigente de crescimento económico baseado no consumo cada vez maior de recursos, com crescente produção de resíduos e emissão de poluentes, não pode ser mantido num mundo de recursos e de capacidade de resiliência dos ecossistemas limitados; ecossistemas entendidos como «*unidades funcionais onde comunidades de plantas,*

animais e microrganismos interagem de forma dinâmica com o meio abiótico», onde «*os seres humanos são uma parte integral dos ecossistemas* [9, p. 22]».

A seguir vamos discutir alguns aspetos relacionados com a *Economia Verde* e com o *Crescimento Verde* em particular, conceitos que ganharam força enquanto instrumentos de otimização sustentável dos recursos e de criação de emprego.

A - A Economia Verde

Economia Verde é uma expressão de significados [10, pp. 2-6] e implicações ainda controversos, relacionada com o conceito mais abrangente de *Desenvolvimento Sustentável*, consagrado pelo Relatório Brundtland (1987) [11, p. 8], e assumido oficialmente pela comunidade internacional na Conferência das Nações Unidas sobre Ambiente e Desenvolvimento, que decorreu no Rio de Janeiro, Brasil, em 1992, também conhecida por Rio-92, ou ECO-92 (desta Conferência resultaram diversos documentos: a Carta da Terra [12], declaração de princípios éticos fundamentais para a construção no século XXI, de uma sociedade global justa, sustentável e pacífica; três Convenções – Biodiversidade [13], Desertificação [14] e Alterações Climáticas [16]; uma Declaração de Princípios sobre Florestas [16]; a Declaração do Rio sobre Ambiente e Desenvolvimento [17] e a Agenda 21 [18]), gradualmente tomando o lugar do termo *ecodesenvolvimento*²² nos debates, discursos e formulação de políticas envolvendo o ambiente e o desenvolvimento.

A ideia central subjacente à *Economia Verde* é a de que o conjunto de processos produtivos da sociedade e as transações deles decorrentes contribua cada vez mais para o *Desenvolvimento Sustentável*, tanto nos seus aspetos sociais quanto ambientais. Para isso, propõe como essencial que para além das tecnologias produtivas e sociais [19], sejam criados meios pelos quais fatores relevantes ligados à sustentabilidade socio-ambiental [20], até hoje ignorada nas análises e decisões económicas, passem a ser considerados.

Diversas organizações multilaterais têm desenvolvido trabalho sobre este tema, com destaque para a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico²³ (OCDE), as

¹⁷ Criatividade e inovação são coisas diferentes. A criatividade é a faculdade de encontrar soluções diferentes e originais, face a novas situações. O conceito de inovação baseia-se no princípio da criação de valor, a partir da identificação e exploração de oportunidades de mudança [5].

¹⁸ Segundo Drucker o espírito empreendedor não é natural, nem é criativo, é trabalho [4, p. 168].

¹⁹ Conjunto de decisões e ações levadas a cabo pela organização, de forma consistente, que visam proporcionar às partes interessadas (por exemplo, clientes) mais valor que o oferecido pela concorrência.

²⁰ Conceito que frequentemente é utilizado de forma intermutável com o de *Economia Verde*, este acentua a componente dinâmica do processo e as

oportunidades de valor acrescentado associadas à sinergia entre Economia e Ambiente, numa perspetiva integrada de alcançar o *Desenvolvimento Sustentável*.

²¹ O financiamento dos projetos de empreendedorismo também é um aspeto relevante, quer seja público quer seja privado.

²² Termo mencionado inicialmente pelo canadiano Maurice Strong, primeiro diretor executivo do *United Nations Environment Programme* (UNEP), ou Programa das Nações Unidas para o Ambiente (PNUA), e secretário-geral da Conferência de Estocolmo (1972) e da Rio-92.

²³ *Organisation for Economic Co-operation and Development*: <http://www.oecd.org/>.

Nações Unidas²⁴ e o Banco Mundial²⁵. A *United Nations Environment Programme*²⁶ (UNEP), por exemplo, lançou, em 2008, a *Green Economy Initiative* [21]; em 2009, os ministros dos países membros da OCDE²⁷ assinaram a *Declaration on Green Growth* [22] (Declaração sobre Crescimento Verde) e aprovaram um mandato para esta organização desenvolver uma estratégia comum que promova o crescimento económico²⁸, o desenvolvimento, o investimento e a inovação, sem deixar de assegurar a racionalidade na utilização dos recursos naturais e a proteção do ambiente como condições essenciais ao bem-estar das populações [23].

B - O Crescimento Verde

De acordo com a OCDE, o Crescimento Verde «significa fomentar o crescimento e o desenvolvimento económicos, assegurando simultaneamente que as riquezas naturais continuam a fornecer os recursos e os serviços ambientais, dos quais depende o nosso bem-estar. Para tal, deve catalisar o investimento e a inovação que irão apoiar o crescimento verde e dar origem a novas oportunidades económicas» [24, p. 4], ou seja, este crescimento está relacionado com a promoção do crescimento económico e do desenvolvimento, assegurando que os recursos naturais continuam a fornecer os serviços ambientais essenciais ao bem-estar humano; o «bem-estar humano e o progresso em direção a um desenvolvimento sustentável dependem de forma vital de uma melhoria da gestão dos ecossistemas da Terra, de modo a garantir a sua conservação e uso sustentável» [9, p. 19]. Para tal, o investimento e a inovação em políticas, processos e tecnologias que promovam a preservação e a valorização dos recursos, deverão ser incentivados, sustentando, deste modo, o crescimento e criando novas oportunidades económicas e de empregos verdes²⁹ [25] (*green jobs*).

Ainda de acordo com a OCDE [24, p. 4] é preciso o «Crescimento Verde porque os riscos do desenvolvimento estão

a aumentar à medida que o crescimento continua a desgastar o capital natural. Se tal não for tido em conta, significará um aumento da escassez da água, piorando o estrangulamento dos recursos, maior poluição, alterações climáticas³⁰ e uma perda de biodiversidade irrecuperável». Estas tensões podem pôr em causa perspectivas futuras de crescimento, pelo menos devido a duas razões: (i) está a tornar-se cada vez mais dispendioso substituir capital físico por capital natural (por exemplo, se a água se tornar mais escassa³¹ ou mais poluída, serão necessárias mais infraestruturas para a transportar e purificar tanto para consumo humano, como para processos industriais e outras atividades); (ii) uma mudança não segue necessariamente uma trajetória suave ou previsível. [24, p. 4]

1) O que pode proporcionar o Crescimento Verde?

O crescimento verde pode proporcionar novas fontes de crescimento através de [26, pp. 17-19]: *Produtividade, Inovação, Novos mercados, Confiança, Estabilidade*.

Para isso é necessário que os diversos atores envolvidos (empreendedores, decisores políticos, universidades, sociedade em geral) estejam sensibilizados para uma maior eficácia na utilização dos recursos e ativos naturais [27], incluindo o reforço da produtividade, a redução do desperdício e do consumo de energia e tornar os recursos disponíveis para o seu valor de utilização mais elevado. O surgimento de oportunidades para a inovação, impulsionadas por políticas e condições-quadro permitem novas formas de criação de valor e abordagem dos problemas ambientais. A criação de novos mercados estimulando a procura de tecnologias, bens e serviços verdes, proporcionam novas oportunidades de emprego [26]. A confiança e estabilidade transmitida aos empreendedores e aos investidores no que respeita à forma como os governos abordam as principais questões ambientais é um aspeto importante, assim como, condições macroeconómicas³² mais equilibradas, menor volatilidade do preço dos recursos e apoio à consolidação

²⁴ United Nations: <http://www.un.org/en/index.html>.

²⁵ World Bank: <http://www.worldbank.org/>.

²⁶ *United Nations Environment Programme*: <http://www.unep.org/>.

²⁷ Atualmente, a lista oficial conta com 34 países, membros integrantes da Organização da OCDE (<http://www.oecd.org/>).

²⁸ O crescimento económico pode ser definido como sendo «o aumento sustentado de uma unidade económica durante um ou vários períodos longos. A sua avaliação faz-se através da análise de certos índices: Produto Interno Bruto (PIB) ou Produto Nacional Bruto (PNB)» (in Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [Online]. Porto: Porto Editora, 2003-2015. Available: [http://www.infopedia.pt/\\$crescimento-economico](http://www.infopedia.pt/$crescimento-economico)). [Acedido em 26-09-2015].

²⁹ Segundo a Agência Europeia para a Segurança e Saúde no Trabalho (EU-OSHA), o termo *empregos verdes* ou *ecológicos*, abrange uma vasta gama de empregos diferentes em vários setores, envolvendo uma mão de obra muito diversificada. São várias as definições que existem para o termo. No entanto, pode entender-se por *emprego verde* qualquer emprego que contribua, de alguma forma, para a preservação ou a recuperação do ambiente. Contudo, para que estes empregos sejam realmente sustentáveis, devem garantir condições de

trabalho seguras, saudáveis e dignas. Os *empregos verdes*, para além de serem bons para o ambiente, têm de ser bons para os trabalhadores (EU-OSHA: <https://osha.europa.eu/>).

³⁰ As Alterações Climáticas constituem uma falha de mercado do tipo externalidade negativa.

³¹ Um conceito importante no contexto de uma escassez de água cada vez mais generalizada é o de *água virtual*, definida como a água consumida nas várias etapas do processo de produção de um produto alimentar ou não alimentar, ou de um serviço; ao comércio internacional de bens e serviços está associado um comércio de *água virtual* [1].

³² As variáveis macroeconómicas, representam um dos principais pilares para a atratividade de uma região, ou país, como polo internacional de investimentos e negócios. No âmbito da macroeconomia procede-se ao estudo económico dos grandes agregados, por oposição ao estudo do comportamento dos agentes económicos (estudam-se, por exemplo, fenómenos como o desemprego, a inflação, a balança de pagamentos, as políticas monetárias e fiscais) [30]. Ou seja, a macroeconomia é a ciência que estuda os aspetos económicos globais de um país ou região como um conjunto.

orçamental (revendo, por exemplo, a composição e eficácia da despesa pública e aumentando as receitas através da atribuição de um preço à poluição; o *princípio do poluidor-pagador* - este princípio estabelece que o operador que cause danos ambientais ou crie a ameaça iminente desses danos deve, em princípio, custear as medidas de prevenção ou reparação necessárias [28]).

O Crescimento Verde poderá reduzir os riscos para o crescimento provenientes de estrangulamentos resultantes da escassez de recursos ou a sua qualidade reduzida, o que torna o investimento mais caro, e os desequilíbrios nos sistemas naturais que podem originar o risco de efeitos abruptos, altamente prejudiciais e potencialmente irreversíveis [24, p.5].

Em Portugal, através da Resolução do Conselho de Ministros n.º 28/2015, foi aprovado o «*Compromisso para o Crescimento Verde*», que constitui uma estratégia nacional para a promoção do desenvolvimento, baseado na criação de valor assente na conciliação do crescimento económico e da sustentabilidade, da competitividade do País e da sua afirmação internacional como referência do crescimento verde [29].

2) Estratégias para o Crescimento Verde

O objetivo global de um quadro para o crescimento verde é estabelecer incentivos ou instituições que aumentem o bem-estar [24, p. 7]: (i) melhorando a gestão de recursos e aumentando a produtividade; (ii) incentivando a atividade económica onde, a longo prazo, a sociedade possa produzir com maiores vantagens; (iii) estabelecendo novas formas de alcançar os dois primeiros objetivos (por exemplo, a inovação).

Mas, a alteração dos atuais padrões de crescimento, hábitos dos consumidores, tecnologia e infraestrutura é um projeto de longo prazo e teremos que viver durante algum tempo com as consequências de decisões passadas. É provável que estas *dependências históricas* intensifiquem os riscos ambientais sistémicos, mesmo que obtivéssemos os contextos políticos certos de forma relativamente rápida [24], não nos podemos esquecer, por exemplo, que no caso das alterações climáticas [31] o Sistema Climático tem uma grande inércia.

Por outro lado, as estratégias de crescimento verde precisam de ser suficientemente flexíveis para tirar partido das novas tecnologias e de oportunidades inesperadas e serem capazes de abandonar uma abordagem caso surja uma melhor.

A utilização e gestão eficazes dos recursos constituem um objetivo essencial da política económica e, de futuro, muitas

intervenções fiscais e regulamentares que habitualmente não são consideradas, serão integradas no crescimento verde.

A Reforma da Fiscalidade Verde, em Portugal, por exemplo, pretende contribuir para «*a ecoinovação e a eficiência na utilização de recursos, a redução da dependência energética do exterior e a indução de padrões de produção e de consumo mais sustentáveis, bem como fomentar o Empreendedorismo e a criação de emprego, a concretização eficiente de metas e objetivos internacionais e a diversificação das fontes de receita, num contexto de neutralidade do sistema fiscal e de competitividade económica*» [32].

Em qualquer estratégia de crescimento verde são, pensamos, essenciais dois vastos conjuntos de políticas. O primeiro conjunto consiste num quadro alargado de políticas, devidamente articuladas, que permita que o crescimento económico e a conservação do capital natural se reforcem mutuamente. O segundo, a existências de políticas que proporcionem, por um lado, incentivos para a utilização eficiente e responsável dos recursos naturais, e por outro lado, tornem a poluição mais dispendiosa para os seus causadores (princípio do poluidor-pagador já referido anteriormente).

3) Condicionalismos do Crescimento Verde

Como em tudo, existem condicionalismos do *Crescimento Verde*. Estes condicionalismos estão associados a diversos aspetos, tais como: *Infraestrutura inadequada; Capitais humano e social, reduzidos e fraca qualidade institucional; Direitos de propriedade incompletos, subsídios; Incerteza regulamentar; Externalidades de informação e incentivos repartidos; Externalidades ambientais*³³; *Baixa rentabilidade no que respeita a Investigação e Desenvolvimento (I&D); Efeitos de rede; Entraves à concorrência.* [24, p. 9]

C - Relação entre Economia Verde e Crescimento Verde

Vimos atrás que a ideia central subjacente à *Economia Verde* é a de que o conjunto de processos produtivos da sociedade e as transações deles decorrentes contribua para o *Desenvolvimento Sustentável*, tanto nos seus aspetos sociais quanto ambientais, ou seja refere-se ao conjunto de atividades desenvolvidas pelo homem para obter os bens e serviços indispensáveis à satisfação das suas necessidades, de forma a contribuir para o *Desenvolvimento Sustentável*.

O *Crescimento verde* corresponde a um desenvolvimento progressivo, acentuando a componente dinâmica do processo

³³ Traduzem o efeito involuntário do comportamento de um indivíduo ou organização sobre terceiros. Assumem particular importância no domínio das questões ambientais, uma vez que se tratam sempre de externalidades negativas,

como é o caso da poluição atmosférica causada pelos efluentes gasosos das fábricas ou da poluição dos recursos hídricos provocada pelos detritos e resíduos resultantes da atividade de alguns empreendimentos industriais [30].

de transição. A figura 1 pretende mostrar, de uma forma resumida, a relação existente entre *Economia Verde* e *Crescimento Verde*.

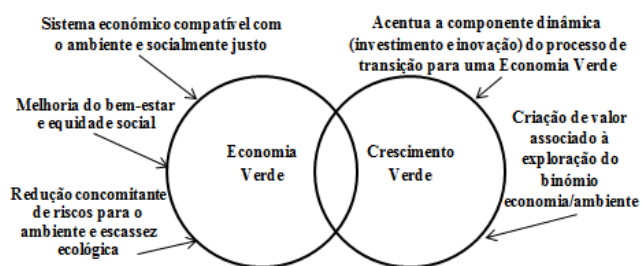


Figura 1 – Relação entre *Economia Verde* e *Crescimento Verde*

Ambos constituem instrumentos de otimização sustentável dos recursos e de criação de emprego, sendo muitas vezes utilizados de forma intermutável. O *Crescimento Verde* acentua a componente dinâmica do processo e as oportunidades de criação de valor associadas à exploração das relações de sinergia entre a Economia e o Ambiente, proporcionando uma abordagem para se alcançar o *Desenvolvimento Sustentável*, em particular nos seus aspetos sociais e ambientais de uma forma harmoniosa.

IV - O EMPREENDEDORISMO NO PROCESSO de TRANSFORMAÇÃO ESTRUTURAL DO MODELO VIGENTE

Foi referido atrás que há uma desilusão da comunidade mundial face ao paradigma económico dominante, considerando que é imperativo iniciar um novo ciclo de desenvolvimento assente num modelo de crescimento sustentável, incorporando os vetores, económico, social e ambiental. O *Empreendedorismo* é uma alavanca importante para levar esta tarefa a cabo, mas claro, a ciência e o conhecimento, a inovação, a existência políticas públicas adequadas e devidamente articuladas, são para além de outros, aspetos relevantes para o sucesso do *Empreendedorismo* no processo de transformação estrutural do modelo vigente.

A - O *Empreendedorismo* enquanto fenómeno complexo e multifacetado

Há diversos entendimentos do que é *Empreendedorismo*. Para alguns autores a atividade empresarial remonta ao princípio da história da Humanidade. No período da Grécia Antiga e da Roma Antiga surgem novos rumos para a atividade empresarial e no início da Idade Média aparecem novas formas de *Empreendedorismo*, onde a inovação desencadeia um papel

fundamental, associadas à promoção da guerra, principal meio para a geração de valor. [33]

No século XVIII, em plena Revolução Industrial³⁴ [34], Richard Cantillon e Jean-Baptiste Say terão sido os precursores do termo *Empreendedorismo*, associavam os empreendedores a pessoas que correm riscos, dado que financiavam os seus empreendimentos [35].

Mais recentemente, em 1978, J. Schumpeter associou o *Empreendedorismo* à inovação, pois segundo este autor a essência do *Empreendedorismo* está na perceção e aproveitamento das novas oportunidades de negócio; o empreendedor é responsável por processos de *destruição criativa*, resultando novos métodos de produção e novos produtos, e novos mercados [37].

Entretanto Frank Knight e Peter Drucker introduziram o conceito de risco [38]. Pinchot viria a desenvolver o conceito de *intraempreendedor* [39], ou seja, um empreendedor dentro da organização a que pertence.

Uma definição de *Empreendedorismo*, a título de exemplo, é a proposta pelo GEM - *Global Entrepreneurship Monitor*³⁵: *Empreendedorismo* é «qualquer tentativa de criação de um novo negócio ou nova iniciativa, tal como emprego próprio, uma nova organização empresarial ou a expansão de um negócio existente, por um indivíduo, equipa de indivíduos, ou negócios estabelecidos» [40, p.4].

O *Empreendedorismo* é um processo dinâmico realizado pelo indivíduo (empreendedor) que, por iniciativa ou vontade própria, procura identificar e implementar ideias inovadoras, consideradas como oportunidades de negócio, ou seja, atitude de quem, por iniciativa própria, realiza ações ou idealiza novos métodos com o objetivo de desenvolver e dinamizar serviços, produtos ou quaisquer atividades de organização e administração [41] [42].

Como corolário, o *Empreendedorismo*, sendo uma ação humana, é um fenómeno complexo e multifacetado [43] que depende de interações e inter-relações entre pessoas e envolve a viabilização e articulação de recursos de diferentes tipos [44].

A - *Espírito Empreendedor*

Associado ao *Empreendedorismo* está o *espírito empreendedor*, que já referimos atrás. É a atitude mental e o processo para a criação e o desenvolvimento de atividades económicas, combinando o risco e a criatividade e, ou, a inovação com uma gestão rigorosa, no âmbito de uma organização nova ou já existente [45].

Uma abordagem completa da promoção do espírito empreendedor desenvolve-se a três níveis: ao nível individual, ao nível da organização e ao nível da sociedade.

³⁴ A primeira revolução industrial data da Idade Média. Os séculos XI, XII e XIII criaram uma tecnologia na qual se apoiou a Revolução Industrial do século XVIII para iniciar o seu desenvolvimento [36].

³⁵ O projeto *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) é uma avaliação anual da atividade empreendedora e das aspirações e dificuldades dos empreendedores num vasto conjunto de países; tem em consideração as

diferentes fases do desenvolvimento económico dos países, classificando cada País participante como *economia orientada por fatores de produção* (por exemplo, Angola, Argélia, Egito), *economia orientada para a eficiência* (por exemplo, Argentina, Brasil, Polónia) ou *economia orientada para a inovação* (por exemplo, Estados Unidos, Noruega, Portugal, Suécia) [40].

Deste modo, para que os indivíduos se motivem no sentido de se tornarem empreendedores, é preciso transmitir-lhes o conceito de *espírito empreendedor* de uma forma estimulante, para que possuam as capacidades necessárias para transformar potenciais ambições em projetos de sucesso; a Universidade, e outras instituições de ensino, têm aqui um papel importante a desempenhar. Por outro lado, para que os projetos empreendedores vingam, é necessário que existam condições de financiamento e ausência de obstáculos para o seu desenvolvimento; a sociedade deve valorizar o sucesso e não estigmatizar o insucesso. Por exemplo, as organizações no domínio social têm dificuldade em encontrar financiamento (apoio à ideia, criação de projetos-piloto ou de protótipos, desenvolvimento em grande escala), em grande medida devido ao fraco reconhecimento do *Empreendedorismo social* [46].

O *Empreendedorismo Social* [46] incentiva a participação das partes interessadas na gestão e na prestação destes serviços, estimulando a inovação e a satisfação das partes interessadas.

A economia social abrange o conjunto das atividades económico-sociais, livremente levadas a cabo por diversas entidades³⁶, assunto já tratado por autores no século XIX [47] [48]. Em Portugal, por exemplo, destacam-se as entidades seguintes [49]: as cooperativas; as associações mutualistas; as misericórdias; as fundações; as instituições particulares de solidariedade social não abrangidas pelas anteriores; as associações com fins altruísticos que atuem no âmbito cultural, recreativo, do desporto e do desenvolvimento local, ou outras entidades dotadas de personalidade jurídica, que respeitem os princípios orientadores da economia social, por exemplo, o primado das pessoas e dos objetivos sociais; a adesão e participação livre e voluntária; o respeito pelos valores da solidariedade, da igualdade e da não discriminação, da coesão social, da justiça e da equidade, da transparência, da responsabilidade individual e social partilhada e da subsidiariedade. Por exemplo, a economia social emprega mais de 14,5 milhões de assalariados na União Europeia, ou seja, 6,5% do total dos postos de trabalho [50, p. 51].

O espírito empreendedor, independentemente do tipo de empreendedorismo, contribui para a criação de emprego e para o crescimento (que se pretende sustentado), é crucial para a competitividade, liberta o potencial pessoal. Pode também contribuir para reforçar a coesão económica e social de regiões menos desenvolvidas, estimulando a atividade económica e a criação de emprego ou para integrar os desempregados ou os desfavorecidos no meio laboral. Pode também ter um papel importante na prestação de serviços eficientes de saúde, de educação e de segurança social.

C. Desafios futuros colocados à atividade Empreendedora

De acordo com o que vimos atrás, torna-se necessário caminhar para um modelo empreendedor não só responsável e estruturante, mas também resiliente, que concilie a resposta à crise económica global, tendo a perceção de que o atual modelo

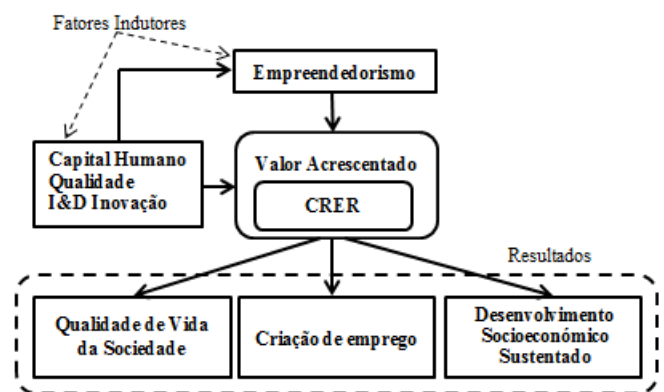
³⁶ Uma abordagem deste tipo pode complementar os recursos públicos e ampliar a gama de serviços oferecidos à sociedade.

³⁷ Baseado no Relatório do Grupo de Trabalho – Trabalhos Preparatórios para a Elaboração de uma Lei de Bases da Qualidade, Inovação, Competitividade e

de desenvolvimento poderá estar a colocar em risco os recursos do Planeta. A seguir propõem-se a discussão de dois desafios que se colocam ao empreendedorismo: o desafio da competitividade e o desafio da necessidade de mudança do modo de produzir.

1) O desafio da competitividade dos Empreendimentos

Perante um cenário de transição, os empreendimentos em geral, deverão ter como premissa uma competitividade *Responsável, Estruturante e Resiliente*³⁷ (CRER). Ou seja, uma Competitividade Responsável e Estruturante, mas também Resiliente, cujo modelo conceptual se apresenta na figura 2, onde o *Empreendedorismo* é um fator indutor da CRER, que poderá incrementar o valor acrescentado concorrendo para a qualidade de vida da sociedade, criação de emprego e desenvolvimento socioeconómico sustentado.



Fonte: Adaptado de Ramos [51, p. 6]

Figura 2 – Modelo conceptual Competitividade Responsável, Estruturante e Resiliente

Competitividade *Responsável*, no sentido de respeitar aspetos ambientais, relacionados com os direitos humanos e a qualidade de vida das pessoas, bem como de ética e responsabilidade social e de evolução harmoniosa da sociedade; competitividade *Estruturante* no sentido de corresponder a pilares duradouros e sustentáveis de construção da competitividade no mundo contemporâneo, com uma perspetiva também de médio prazo e com base em valor acrescentado; e competitividade *Resiliente* no sentido de ser robusta face a oscilações de contexto, traçando um rumo de evolução positiva que seja capaz de resistir a diferentes tipos de imprevistos que possam surgir na cena nível nacional e internacional.

2) O desafio da necessidade de mudança do modo de produzir

A atividade empreendedora deverá dar o seu contributo para promover uma economia hipocarbónica e eficiente na utilização da energia e outros recursos, a fim de proteger e preservar o Planeta, e atender aos princípios básicos do socialmente justo e

Empreendedorismo (Comissão de Economia e Obras Públicas, Assembleia da República Ramos) [51].

economicamente viável³⁸. Ou seja, caminhar para um *Empreendedorismo* ética e socialmente responsável.

Daí ter surgido o conceito de *Ecoempreendedorismo* desenvolvido pelo *World Business Council for Sustainable Development* (WBCSD) (Conselho Empresarial Mundial para o Desenvolvimento Sustentável), fundado em 1992, conceito que, segundo Miranda [52] «*nada mais é do que transformar, inovar atendendo aos princípios básicos do socialmente justo, ambientalmente correto e economicamente viável*».

O *Ecoempreendedorismo* tem associado um conjunto de princípios, por exemplo [53]: *Redução de resíduos (sólidos, líquidos, energéticos); Redução das emissões (carbono, poluentes atmosféricos); Redução na utilização de resíduos químicos perigosos; Reutilização de resíduos industriais, como matéria-prima; Matéria-prima sustentável; Uso sustentável da energia; Reduzir o excesso.*

Schumpeter associou o *Empreendedorismo* à inovação, segundo este autor a essência do *Empreendedorismo* está na percepção e aproveitamento das novas oportunidades de negócio; o empreendedor é responsável por processos de *destruição criativa*. De acordo com a *teoria da destruição criativa*, os empreendedores distorcem o equilíbrio de mercado, tornando-se agentes de mudança e crescimento que agem no sentido de introduzir novas combinações de mercado, de produto ou de inovação [40]. Ao fazê-lo, diferenciam-se da concorrência, quer por apresentarem produtos e/ou serviços inovadores, quer por utilizarem novas tecnologias e/ou processos.

Por exemplo, «*qualquer inovação que se traduza num avanço importante no sentido do desenvolvimento sustentável, reduzindo o impacto dos nossos modos de produção no ambiente, reforçando a resiliência da natureza às pressões ambientais ou utilizando os recursos naturais de forma mais eficiente e responsável*» [54, p. 1], constitui uma inovação verde, ou *Ecoinovação*.

A *Ecoinovação* [55], ao promover novos processos, tecnologias e serviços que tornam as atividades económicas mais ecológicas (transformar os desafios ambientais em oportunidades de negócio, em particular das Pequenas e médias Empresas [56]), possibilitam a otimização do potencial de crescimento e contribuem, de forma concomitante, para se encontrarem respostas para os desafios, como as alterações climáticas, a escassez de recursos e a diminuição da biodiversidade [54, p. 1]. Ou seja, a *Ecoinovação* está estritamente relacionada com o modo de utilização dos recursos naturais e os padrões de produção e consumo, e também com os conceitos de *ecoeficiência* e *ecoindústria*.

Dada a escassez de recursos e os impactes ambientais negativos, é preciso passar do atual modelo linear para um modelo de economia circular, tratando-se, de certo modo, de

³⁸ O preço de mercado de muitos produtos e serviços tradicionais não reflete, em muitos casos, os seus reais custos ambientais e sociais.

uma forma de *Economia Verde*³⁹. Esta perspetiva está em linha com o *Ecoempreendedorismo* [57].

A figura 3 pretende mostrar que é necessário passar de uma economia linear onde o processo se inicia na extração de recursos (matérias primas finitas do solo), transformação em produtos, utilização e deposição dos resíduos (no subsolo ou, pior ainda, ficarem em lixeiras a céu aberto), para uma economia circular onde os resíduos sejam integrados no ciclo produtivo enquanto matéria-prima, reduzindo deste modo a necessidade de extração de mais recursos, para além da energia consumida e outros aspetos que já discutimos atrás⁴⁰. A investigação e a inovação são as chaves para o sucesso.

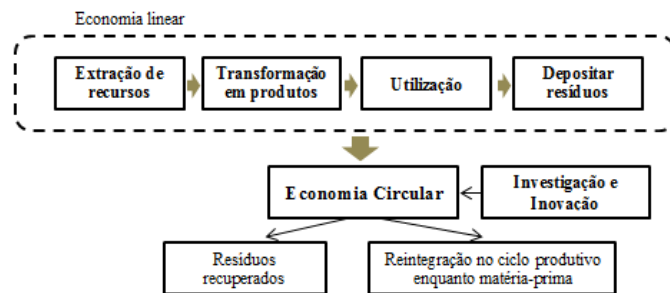


Figura 3 – Economia linear e Economia circular

Assim, é importante encetar-se um processo de transformação estrutural do paradigma existente que segue um modelo linear do século XIX, tendo como objetivo a promoção de um desenvolvimento sustentável, inclusivo, assente na dinamização da economia circular, através de uma maior eficiência em termos de recursos e da transformação dos resíduos num recurso; este novo modelo trará vantagens a nível de competitividade, crescimento verde e emprego, assim como para o ambiente.

V - DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do estudo efetuado destaca-se um conjunto de aspetos considerados relevantes:

1.º Aspeto: É reconhecida a necessidade de transição urgente do modelo de desenvolvimento atual, para um modelo mais sustentável;

2.º Aspeto: A crescente consciencialização do impacte que a ação humana tem sobre o ambiente, tem dado um impulso à *Economia Verde* e ao *Crescimento Verde*;

3.º Aspeto: O conceito de *Economia Verde* está relacionado com o conceito mais abrangente de *Desenvolvimento Sustentável*, contudo é uma expressão de significados e implicações ainda controversos;

4.º Aspeto: A *Economia Verde* e o *Crescimento Verde* constituem instrumentos de otimização sustentável dos recursos e de criação de emprego, sendo muitas vezes utilizados de forma intermutável. Contudo, o *Crescimento Verde* acentua a

³⁹ *Economia Verde* refere-se a algo em geral, uma economia pensada nos recursos limitados do planeta. *Economia Circular* refere-se, de certo modo, a uma forma de *Economia Verde*.

⁴⁰ Aplicação dos ensinamentos do mundo natural, onde nada é desperdiçado.

componente dinâmica do processo e as oportunidades de criação de valor associadas à exploração das relações de sinergia entre a Economia e o Ambiente;

5.º Aspeto: O *Empreendedorismo*, sendo uma ação humana, é um fenómeno complexo e multifacetado que depende de interações e inter-relações entre pessoas e envolve a viabilização e articulação de recursos de diferentes tipos;

6.º Aspeto: Torna-se necessário caminhar para um modelo empreendedor não só responsável e estruturante, mas também resiliente, que concilie a resposta à crise económica global, tendo a perceção de que o atual modelo de desenvolvimento está a colocar em risco os recursos do Planeta;

7.º Aspeto: Num cenário de transição, os empreendimentos em geral, deverão ter como premissa uma competitividade *Responsável, Estruturante e Resiliente*;

8.º Aspeto: Há a necessidade de mudança do modo de produzir. Dada a escassez de recursos e os impactes ambientais negativos resultantes da atividade empreendedora, é preciso passar do atual modelo linear para um modelo de *Economia Circular*, tratando-se, de certo modo, de uma forma de *Economia Verde*. Esta perspetiva está em linha com o *Ecoempreendedorismo*.

Fazendo uma breve síntese, o *Empreendedorismo* enfrenta diversos desafios. Nesses desafios há um entrosamento entre vários aspetos, *Economia Verde, Crescimento Verde, Criatividade, Inovação, Energia, Emprego de qualidade, Investigação*, entre outros.

Um Empreendedorismo ética e socialmente responsável, contribuirá, para a criação de emprego de qualidade, para a preservação do ambiente, para a qualidade de vida da sociedade, ou seja, para um desenvolvimento sustentável a nível económico, social e ambiental.

A criação de um modelo que represente um *Empreendedorismo* sustentável é uma tarefa árdua, já que existem inúmeras interações e inter-relações presentes, mas será um trabalho de investigação útil e interessante. Por outro lado é interessante também, quantificar o benefício e os custos da transição para um modelo de produção assente numa *Economia Circular*, dos empreendimentos industriais em Portugal.

REFERÊNCIAS

[1] F. D. Santos, *Alterações Globais: Os Desafios e os Riscos Presentes e Futuros*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2012, ISBN: 978-989-8424-55-06.

[2] MAOTE – Ministério do Ambiente, Ordenamento do Território e Energia. MAOTE, ISBN: 978-989-8097-22-4.

[3] K. S. Sarala, K. S. Kunara e C. P. P. Kumar, “An Overview of Innovation and Prospects of Entrepreneurial Development Towards Economic Development,” in *Creativity, Innovation and Entrepreneurship*. New Delhi: Allied Publishers, 2012, pp. 50-64, ISBN: 978-81-8424-802-9.

[4] P. F. Drucker, *O Melhor de Peter Drucker: A Administração*. São Paulo-Brasil: AMPUB, 2004, ISBN: 85-213-1163-6.

[5] COTEC, *Manual: Identificação e Classificação*. Porto/Lisboa: COTEC, 2008.

[6] S. S. Nandram e K. J. Samsom, *The Spirit of Entrepreneurship*. New York: Spinger Science & Business Media, 2006, ISBN: 978-3-540-34760-6.

[7] S. Rodrigues, *Empreendedorismo*. Lisboa: ANJE, 2008. (Cofinanciado por: União Europeia - Fundo Social Europeu, Estado Português, POEFDS)

[8] UNESCO, *A Ciência para o Século XXI: Uma Nova Visão e uma Base de Ação*, 3.ª ed. Brasília: UNESCO Brasil, 2005.

[9] H. M. Pereira et al., *Ecosistemas e Bem-estar Humano*. Lisboa: Escolar Editora, 2009, ISBN: 978-972-592-274-3.

[10] A. C. Newton e E. Cantarello, *An Introduction to the Green Economy: Science, Systems and Sustainability*. New York: Routledge, 2014, ISBN: 978-0-415-71160-6.

[11] Report of the World Commission on Environment and Development: Our Common Future, [Online]. Available: <http://www.un-documents.net/our-common-future.pdf>. [Acedido em 14 08 2015].

[12] Earth Charter International, *A Carta da Terra*. [Online]. Available: <http://www.earthcharterinaction.org/content/pages/Read-the-Charter.html>. [Acedido em 14 08 2015].

[13] Ministério do Meio Ambiente, *Convenção sobre Diversidade Biológica*. Brasília: MMA, 2000.

[14] UNCCD, *United Nations Convention to Combat Desertification*. [Online]. Available: <http://www.unccd.int/en/about-the-convention/Pages/Text-overview.aspx>. [Acedido em 14 08 2015].

[15] *Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas*, 1992. [Online]. Available: http://www.ci.esapl.pt/jcms/ea/unfccc_UNFCCC_text_integr.htm. [Acedido em 14 08 2015].

[16] *Declaração de Princípios sobre Florestas, Relatório da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento*, 1992. [Online]. Available: http://www.meioambiente.pr.gov.br/arquivos/File/agenda21/Declaracao_de_Principios_sobre_Florestas.pdf. [Acedido em 14 08 2015].

[17] *Declaração do Rio sobre Ambiente e Desenvolvimento*, 1992. [Online]. Available: http://www.apambiente.pt/_zdata/Políticas/DesenvolvimentoSustentavel/1992_Declaracao_Rio.pdf. [Acedido em 14 08 2015].

[18] United Nations, *Agenda 21, United Nations Conference on Environment & Development, Rio de Janeiro, Brazil, 3 to 14 June 1992*. [Online]. Available: <https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/Agenda21.pdf>. [Acedido em 14 08 2015].

[19] C. H. Matthews & R. Brueggemann, *Innovation and Entrepreneurship: A Competency Framework*. New York: Routledge, ISBN: 978-0-415-74252-5.

[20] European Environment Agency, *Resource-Efficient Green Economic and EU Policies*. Luxembourg: Publications Office of the European Union, ISBN: 978-92-9213-465-5.

[21] UNEP, *Towards a Green Economy: Pathways to Sustainable Development and Poverty Eradication*. Nairobi-Kenya: UNEP, 2011, ISBN: 978-92-807-3143-9.

[22] OECD, *Ministerial Conclusions, Meeting of the Council at Ministerial Level, Paris, 24-25 June 2009*.

[23] OECD, *Declaration on Green Growth, Meeting of the Council at Ministerial Level, Paris, 24-25 June 2009*.

[24] OCDE, *A Caminho do Crescimento Verde: Um Sumário para os Decisores Políticos*. Paris: OCDE, 2011.

[25] Comissão Europeia, *Iniciativa Emprego Verde: Explorar o Potencial de Criação Emprego da Economia Verde*. COM (2014) 446 final, 2014.

[26] OECD, *Fostering Innovation for Green Growth*. Paris: OECD, 2011, ISBN: 978-92-64-11991-8.

[27] T. Tietenberg e L. Lewis, *Environmental & Natural Resource Economics*, 8 ed. Boston: Pearson, 2009, ISBN: 978-0-321-56046-9.

[28] Directiva 2004/35/CE do Parlamento Europeu e do Conselho de 21 de Abril de 2004, Relativa à Responsabilidade Ambiental em Termos de Prevenção e Reparação de Danos Ambientais, *Jornal Oficial da União Europeia*, L 43, de 30-04-2004, pp. 56-75.

[29] Resolução do Conselho de Ministros n.º 28/2015, Aprova o Compromisso para o Crescimento Verde, DR n.º 84, 1.ª Série, de 30 de abril de 2015.

[30] J. F. Cardoso, *Manual de Gestão: Guia de Conceitos*. Linda-a-Velha: Controljornal Editora, 1997.

- [31] IPCC, Climate Change 2014: Synthesis Report. Contribution of Working Groups I, II and III to the Fifth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change [Core Writing Team, R.K. Pachauri and L.A. Meyer (eds.)]. Geneva – Switzerland: IPCC, 2015, ISBN 978-92-9169-143-2.
- [32] Despacho n.º 1962/2014, DR n.º 27, 2.ª série, de 7 de fevereiro de 2014.
- [33] M. N. Monteiro, O Empreendedorismo e a Criação de Negócios, Dissertação de Mestrado. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2010.
- [34] T. S. Ashton, A Revolução Industrial. Mem-Martins/Sintra: Publicações Europa América, 1977.
- [35] Wikipedia, Richard Cantillon. [Online]. Available: https://en.wikipedia.org/wiki/Richard_Cantillon. [Acedido em 18 08 2015].
- [36] J. Gimpel, A Revolução Industrial da Idade Média. Mem-Martins/Sintra: Publicações Europa América (Edição n.º 101099/4166), 1986.
- [37] Wikipedia, Joseph Schumpeter. [Online]. Available: https://en.wikipedia.org/wiki/Joseph_Schumpeter. [Acedido em 18 08 2015].
- [38] E. B. Dantas, Empreendedorismo e IntraEmpreendedorismo, Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, ISSN: 1646-3137, 2008. [Online]. Available: http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=923. [Acedido em 18 08 2015].
- [39] Wikipedia, Gifford Pinchot III. [Online]. Available: https://en.wikipedia.org/wiki/Gifford_Pinchot_III. [Acedido em 18 08 2015].
- [40] ISCTE-IUL & SPI Ventures, GEM - Global Entrepreneurship Monitor, GEM Portugal 2012: Estudo sobre o Empreendedorismo.
- [41] Empreendedorismo, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [Online]. Available: <http://www.priberam.pt/dlpo/Empreendedorismo>. [Acedido em 18 08 2015].
- [42] Empreendedorismo in Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico. Porto: Porto Editora, 2003-2015. [Online]. Available: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Empreendedorismo>. [Acedido em 18 08 2015].
- [43] J. Leitão, J. M. Ferreira e S. G. Azevedo, Dimensões Competitivas de Portugal: Contributos dos Territórios, Sectores, Empresas e Logística. Vila Nova de Famalicão/Lisboa: Centro Atlântico, 2008, ISBN: 978-889-615-057-0.
- [44] F. A. P. Guimenez, J. M. Ferreira e S. C. Ramos, Configuração Empreendedora ou Configurações Empreendedoras? Indo um Pouco Além de Mintzberg, XXXII Encontro da ANPAD, Rio de Janeiro, 6 a 10 de setembro de 2008.
- [45] Comissão Europeia, Iniciativa de Empreendedorismo Social: Construir um Ecosistema para Promover as Empresas Sociais. COM(2011) 682 final, 2011.
- [46] Comissão Europeia, Iniciativa de Empreendedorismo Social: Construir um Ecosistema para Promover as Empresas Sociais. COM(2011) 682 final, 2011.
- [47] J. E. T. Rogers, Social Economy. New York: G. T. Putnam & Sons, 1872.
- [48] E. About, Handbook of Social Economy. New York: D. Appleton and Company, 1873.
- [49] Lei n.º 30, Lei de Bases da Economia Social, DR n.º 30, 1.ª Série de 8 de maio de 2013.
- [50] J. L. M. Campos e R. C. Ávila, L'Économie Sociale dans L'Union Européenne. Bruxelles: Comité Economique et Social Européen, 2012, ISBN: 978-92-830-1967-1.
- [51] L. Ramos, Relatório: Grupo de Trabalho – Trabalhos Preparatórios para Elaboração de um Lei de Bases da Qualidade, Inovação, Competitividade e Empreendedorismo. Comissão de Economia e Obras Públicas, Assembleia da República, 2013.